

Anthony
Giddens

Sociologia

4^a
edição

Tradução:

Sandra Regina Netz

Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição:

Virgínia Aita

Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

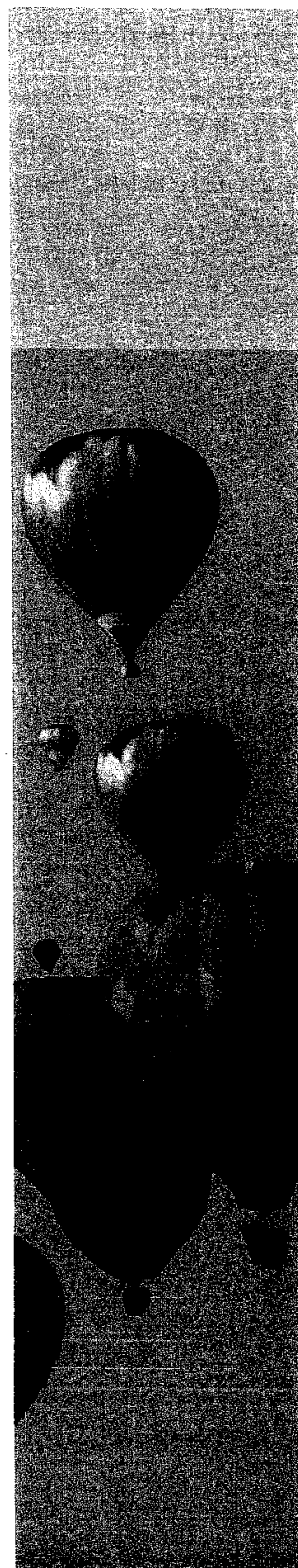
Reimpressão 2008



2005

Sumário

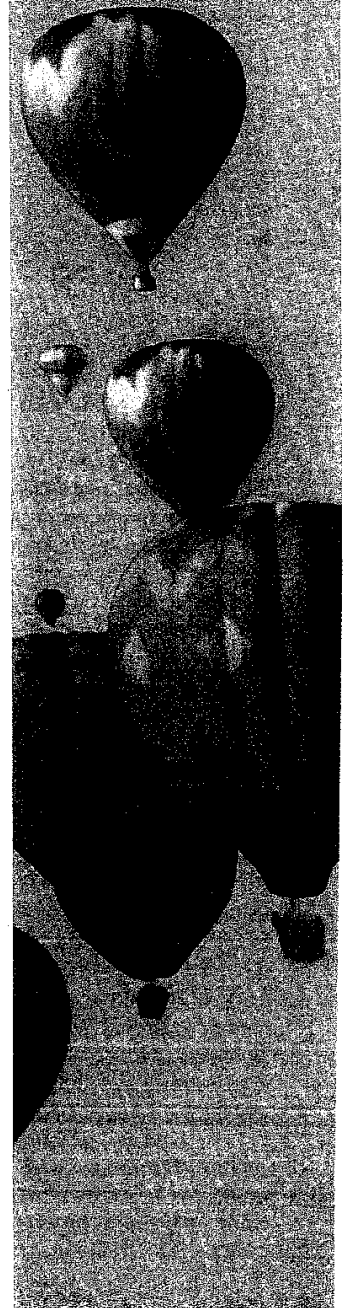
Prefácio à Quarta Edição	vii
Como Usar este Livro	ix
1. O Que É Sociologia?	24
2. Cultura e Sociedade	38
3. Um Mundo em Mudança	60
4. Interação Social e Vida Cotidiana	82
5. Gênero e Sexualidade	102
6. Sociologia do Corpo: Saúde, Doença e Envelhecimento	129
7. As Famílias	151
8. Crime e Desvio	172
9. Raça, Etnicidade e Migração	204
10. Classe, Estratificação e Desigualdade	234
11. Pobreza, Previdência Social e Exclusão Social	234
12. Organizações Modernas	283
13. Trabalho e Vida Econômica	305
14. Governo e Política	342
15. A Mídia e as Comunicações de Massa	367
16. Educação	395
17. Religião	426
18. As Cidades e os Espaços Urbanos	455
19. Crescimento Populacional e Crise Ecológica	479
20. Métodos de Pesquisa Sociológica	508
21. O Pensamento Teórico na Sociologia	527
Agradecimentos	543
Créditos das Figuras	545
Referências	547
Glossário	561
Índice	579



O Que É Sociologia?

Desenvolvendo uma perspectiva sociológica	24	Augusto Comte	28
Estudando sociologia	25	Émile Durkheim	29
Como a sociologia pode ajudar em nossas vidas?	26	Karl Marx	31
Consciência das diferenças culturais	27	Max Weber	32
Avaliando os efeitos das políticas	27		
Auto-esclarecimento	27	Perspectivas sociológicas mais recentes	34
O desenvolvimento do pensamento sociológico	27	Funcionalismo	34
Primeiros teóricos	27	Perspectivas de conflito	35
		Perspectivas de ação social	35
		Conclusão	36
		Pontos principais	36

1



1: O Que É Sociologia?

Hoje vivemos – no começo do século XXI – num mundo profundamente preocupante, porém repleto das mais extraordinárias promessas para o futuro. É um mundo inundado de mudanças, marcado por enormes conflitos, tensões e divisões sociais, como também pelo ataque destrutivo da tecnologia moderna ao ambiente natural. Mesmo assim, temos possibilidades de controlar nosso destino e moldar nossas vidas para melhor, de um modo inimaginável para as gerações anteriores.

Como esse mundo surgiu? Por que nossas condições de vida são tão diferentes daquelas de nossos pais e avós? Que direção as mudanças tomarão no futuro? Essas questões são a principal preocupação da sociologia, um campo de estudo que conseqüentemente tem um papel fundamental na cultura intelectual moderna.

A sociologia é o estudo da vida social humana, dos grupos e das sociedades. É um empreendimento fascinante e irresistível, já que seu objeto de estudo é nosso próprio comportamento como seres sociais. A abrangência do estudo sociológico é extremamente vasta, incluindo desde a análise de encontros ocasionais entre indivíduos na rua até a investigação de processos sociais globais.

A maioria de nós vê o mundo a partir de características familiares a nossas próprias vidas. A sociologia mostra a necessidade de assumir uma visão mais ampla sobre por que somos como somos e por que agimos como agimos. Ela nos ensina que aquilo que encaramos como natural, inevitável, bom ou verdadeiro, pode não ser bem assim e que os “dados” de nossa vida são fortemente influenciados por forças históricas e sociais. Entender os modos sutis, porém complexos e profundos, pelos quais nossas vidas individuais refletem os contextos de nossa experiência social é fundamental para a abordagem sociológica.

Desenvolvendo uma perspectiva sociológica

Aprender a pensar sociologicamente – olhando – em outras palavras, de forma mais ampla – significa cultivar a imaginação. Estudar sociologia não pode ser apenas um processo rotineiro de adquirir conhecimento. Um sociólogo é alguém que é capaz de se libertar da imediatidade das circunstâncias pessoais e apresentar as coisas num contexto mais amplo. O trabalho sociológico depende daquilo que o autor norte-americano C. Wright Mills, numa frase famosa, chamou de **imaginação sociológica** (Mills, 1970).

A imaginação sociológica, acima de tudo, exige de nós que pensemos fora das rotinas familiares de nossas vidas cotidianas, a fim de que as observemos de modo renovado. Considere o simples ato de tomar uma xícara de café. O que poderíamos dizer, a partir

de um ponto de vista sociológico, sobre esse exemplo de comportamento aparentemente desinteressante? Muitas e muitas coisas.

Poderíamos assinalar, antes de tudo, que o café não é somente um refresco. Ele possui *valor simbólico* como parte de nossas atividades sociais diárias. Frequentemente, o ritual associado a beber café é muito mais importante do que o ato de consumir a bebida propriamente dita. Para muitos ocidentais, a xícara de café pela manhã ocupa o centro de uma rotina pessoal. Ela é um primeiro passo, essencial, para começar o dia. O café bebido de manhã é muitas vezes seguido depois, durante o dia, por um café em companhia de outras pessoas – a base de um ritual social. Duas pessoas que combinam de se encontrar para o café estão, provavelmente, mais interessadas em ficarem juntas e conversar do que naquilo que realmente bebem. Na realidade, comer e beber, em todas as sociedades, fornecem ocasiões para a interação social e para a encenação de rituais, oferecendo um assunto rico para o estudo sociológico.

Em segundo lugar, o café é uma *droga*, por conter cafeína, que tem um efeito estimulante sobre o cérebro. Muitas pessoas bebem café pelo “estímulo extra” que ele propicia. Dias longos no escritório e noites de estudo até tarde tornam-se mais toleráveis graças às pausas para um café. O café é uma substância que cria dependência, mas os viciados em café não são vistos pela maioria das pessoas na cultura ocidental como usuários de drogas. Como o álcool, o café é uma droga socialmente aceita, enquanto a maconha, por exemplo, não o é. No entanto, há sociedades que toleram o consumo de maconha ou, até mesmo, de cocaína, mas desaprovam o café e o álcool. Os sociólogos estão interessados no porquê da existência de tais contrastes.

Em terceiro lugar, um indivíduo que bebe uma xícara de café é apanhado numa complicada trama de *relacionamentos sociais e econômicos* que se estendem pelo mundo. O café é um produto que conecta as pessoas das mais ricas e das mais empobrecidas partes do planeta: ele é consumido em grandes quantidades em países ricos, mas é cultivado principalmente em países pobres. Ao lado do petróleo, o café é uma das mercadorias mais valiosas no comércio internacional; ele fornece a muitos países sua maior fonte de divisas externas. A produção, o transporte e a distribuição de café requerem transações contínuas entre pessoas a milhares de quilômetros de distância de seu consumidor. Estudar tais transações globais é uma importante tarefa da sociologia, uma vez que muitos aspectos de nossas vidas são agora afetados por influências e comunicações sociais em escala mundial.

Em quarto lugar, o ato de beber um café pressupõe todo um processo *passado de desenvolvimento social e econômico*. Da mesma forma que outros itens da dieta ocidental agora familiares – como chá, bananas, batatas e açúcar branco –, o café passou a ser largamente consumido somente a partir de fins do século XIX.



Uma xícara de café com os amigos é uma experiência social comum, mas o sociólogo pensará nela de maneiras inesperadas.

Embora a bebida tenha se originado no Oriente Médio, seu consumo de massa, remonta ao período de expansão ocidental, que data de um século e meio. Virtualmente, todo o café que bebemos hoje vem de áreas (América do Sul e África) que foram colonizadas por europeus; não é, portanto, de forma alguma, uma parte “natural” da dieta ocidental. O legado colonial tem tido um impacto enorme no desenvolvimento do comércio mundial de café.

Em quinto lugar, o café é um produto que permanece no centro dos debates contemporâneos sobre globalização, comércio internacional, direitos humanos e destruição ambiental. Como o café tem crescido em popularidade, ele passou a ser uma “marca*” e ficou politizado: as decisões que os consumidores fazem sobre qual tipo de café beber e onde o adquirir têm tornado-se *escolhas de estilo de vida*. Os indivíduos podem escolher beber somente café orgânico, café naturalmente descafeinado ou café “comercializado honestamente” (através de esquemas que pagam integralmente os preços de mercado a pequenos produtores de café em países em desenvolvimento). Eles podem optar por ser clientes de cafeterias “independentes” em vez de cadeias “corporativas” de café, como a Starbucks.** Os consumidores de café podem decidir boicotar o café vindo de certos países que violam os direitos humanos e acordos ambientais. Os sociólogos estão interessados em entender como a globalização aumenta a consciência das pessoas acerca de assuntos que vêm

ocorrendo em cantos distantes do planeta, estimulando-as a desenvolver novo conhecimento em suas próprias vidas.

Estudando sociologia

A imaginação sociológica nos permite ver que muitos eventos que parecem dizer respeito somente ao indivíduo, na verdade, refletem questões mais amplas. O divórcio, por exemplo, pode ser um processo muito difícil para alguém que passa por ele – o que Mills chama de “problema pessoal”. Mas o divórcio, assinala Mills, é também um problema público numa sociedade como a atual Grã-Bretanha, onde mais de um terço de todos os casamentos termina dentro de dez anos. O desemprego, para usar outro exemplo, pode ser uma tragédia pessoal para alguém despedido de um emprego e inapto para encontrar outro. Mesmo assim, isso vai bem além de uma questão geradora de aflição pessoal, se consideramos que milhões de pessoas numa sociedade estão na mesma situação: é um assunto público, expressando amplas tendências sociais.

Tente aplicar esse tipo de perspectiva à sua própria vida. Não é necessário pensar apenas em acontecimentos preocupantes. Considere, por exemplo, por que você está virando as páginas deste livro – por que você decidiu estudar sociologia. Você pode ser um estudante de sociologia relutante, fazendo o curso somente para preencher créditos exigidos. Ou você pode estar entusiasmado para descobrir mais sobre o assunto. Quaisquer que sejam as suas motivações, você provavelmente tem muito em comum, sem saber necessariamente, com outros que estudam sociologia. Sua decisão individual reflete sua posição numa sociedade mais vasta.

As seguintes características se aplicam a você? Você é jovem? Branco? Você vem de um background profissional ou de colarinho-branco? Você já teve, ou ainda tem, um trabalho de

* N. de R. T. Aqui significa (*brand*) marca distinta de um tipo ou classificação, num sentido assemelhado à (*trade mark*) marca registrada (cf. *The New Shorter Oxford*. New York: Oxford University Press, v.1, p. 274)

** N. de R. T. *Starbucks: Franchising* de cafeterias espalhadas pelos principais centros urbanos que se popularizou pelas variedades de cafés, de proveniências diversas bem como um estilo *yuppie* ou *cult* característico dessas formas urbanas.



O café significa o meio de vida para estes trabalhadores que estão moendo grãos para uma cooperativa de comércio justo na América do Sul.

meio-turno para aumentar seus ganhos? Você quer encontrar um bom trabalho quando terminar sua educação, mas não está especialmente empenhado em estudar? Você não sabe realmente o que é a sociologia mas acha que tem algo a ver com como as pessoas se comportam em grupos? Mais de três quartos de vocês responderão "sim" a tais questões. Estudantes universitários não são o típico da população como um todo, mas tendem a ser provenientes de ambientes mais favorecidos. E suas atitudes geralmente refletem aquelas sustentadas por amigos e conhecidos. Os ambientes sociais dos quais viemos têm muito a ver com os tipos de decisões que achamos apropriadas.

Mas suponha que você respondeu "não" a uma ou mais dessas questões. Você pode ter vindo de um grupo minoritário ou de um passado de pobreza. Você pode ser alguém de meia-idade ou mais velho. Mesmo assim, outras conclusões provavelmente se seguem. Você provavelmente teve de se esforçar para chegar onde está; talvez você tenha tido de superar reações hostis de amigos e de outros quando contou a eles que estava pretendendo ir à faculdade; ou talvez você esteja combinando ensino superior com paternidade em tempo integral.

Embora sejamos influenciados pelos contextos sociais em que nos encontramos, nenhum de nós está simplesmente *determinado* em nosso comportamento por aqueles contextos. Possuímos e criamos nossa própria individualidade. É trabalho da sociologia investigar as conexões entre *o que a sociedade faz de nós* e *o que fazemos de nós mesmos*. Nossas atividades tanto estruturam – modelam – o mundo social ao nosso redor como, ao mesmo tempo, são estruturadas por esse mundo social.

O conceito de **estrutura social** é importante na sociologia. Ele se refere ao fato de que os contextos sociais de nossas vidas não consistem apenas em conjuntos aleatórios de eventos ou ações; eles são estruturados ou *padronizados* de formas distintas. Há regularidades nos modos como nos comportamos e nos relacionamentos que temos uns com os outros. Mas a estrutura social não é como uma estrutura física, como um edifício que existe independentemente das ações humanas. As sociedades humanas estão sempre em processo de **estruturação**. Elas são reestruturadas a todo o momento pelos próprios "blocos de construção" que as compõem – os seres humanos como você e eu.

Como exemplo, considere novamente o caso do café. Uma xícara de café não chega a suas mãos automaticamente. Você escolhe, por exemplo, ir a determinado Café, para beber seu café preto ou café com leite, e assim por diante. Enquanto toma essas decisões, conjuntamente com milhões de outras pessoas, você dá forma ao mercado de café e afeta as vidas de produtores de café vivendo, talvez, a milhares de quilômetros de distância, do outro lado do mundo.

Como a sociologia pode ajudar em nossas vidas?

A sociologia tem muitas implicações práticas para as nossas vidas, como enfatizou Mills ao desenvolver a sua idéia de imaginação sociológica.

Consciência das diferenças culturais

Primeiramente, a sociologia nos permite ver o mundo social a partir de outros pontos de vista que não o nosso. Com frequência, se compreendemos propriamente como os outros vivem, também adquirimos melhor entendimento de quais são seus problemas. Políticas práticas que não são baseadas numa consciência bem-informada dos modos de vida das pessoas afetadas por elas têm poucas chances de sucesso. Assim, um assistente social branco, operando numa comunidade predominantemente negra, não ganhará a confiança de seus membros sem desenvolver uma sensibilidade às diferenças na experiência social, que, amiúde, separam brancos e negros.

Avaliando os efeitos das políticas

Em segundo lugar, a pesquisa sociológica fornece ajuda prática na *avaliação dos resultados de iniciativas políticas*. Um programa de reforma prática pode simplesmente fracassar em realizar o que seus planejadores buscavam ou pode trazer consequências involuntárias e desastrosas. Por exemplo, nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, grandes blocos residenciais públicos foram edificadas em centros urbanos de muitos países. Eram planejados para fornecer altos padrões de acomodação a grupos de baixa renda que viviam em cortiços, oferecendo nas proximidades instalações de compras e outros serviços urbanos. Contudo, pesquisas mostraram que muitas pessoas que haviam se mudado de suas habitações anteriores para grandes blocos de edifícios sentiram-se isolados e infelizes. As altas edificações e os *shopping centers* nas áreas mais pobres dilapidaram-se e forneceram terreno fértil a assaltos e a outros crimes violentos.

Auto-esclarecimento

Em terceiro lugar – e de certo modo, mais importante –, a sociologia pode nos fornecer auto-esclarecimento – uma maior autocompreensão. Quanto mais sabemos por que agimos como agimos e como se dá o completo funcionamento de nossa sociedade, provavelmente seremos mais capazes de influenciar nossos próprios futuros. Não deveríamos ver a sociologia como uma ciência que auxilia somente os que fazem políticas – ou seja, grupos poderosos – com o fito de tomarem decisões informadas. Não se pode supor que os que estão no poder sempre levarão em consideração, em suas políticas, os interesses dos menos poderosos ou menos privilegiados. Grupos de auto-esclarecimento podem frequentemente se beneficiar da pesquisa sociológica e responder de forma efetiva às políticas governamentais ou formar iniciativas políticas próprias. Grupos de auto-ajuda como os Alcoólicos Anônimos, ou movimentos sociais como o movimento ambiental, são exemplos de grupos sociais que têm buscado diretamente realizar reformas práticas com considerável sucesso.

O desenvolvimento do pensamento sociológico

Quando começam a estudar sociologia pela primeira vez, muitos estudantes ficam confusos com a diversidade de abordagens que encontram. A sociologia nunca foi uma disciplina em que há um corpo de idéias que todos aceitam como válida. Os sociólogos frequentemente discutem entre si sobre como abordar o estudo do comportamento humano e sobre como os resultados das pesquisas podem ser mais bem interpretados. Por que deveria ser assim? A resposta está ligada à própria natureza da área. A sociologia diz respeito às nossas vidas e ao nosso próprio comportamento, e estudar nós mesmos é o mais complexo e difícil esforço que podemos empreender.

Primeiros teóricos

Nós, seres humanos, sempre fomos curiosos quanto às fontes de nosso próprio comportamento, mas, por milhares de anos, as tentativas de entender a nós mesmos dependeram de modos de pensar que foram transmitidos de geração em geração. Com frequência, essas idéias foram expressas em termos religiosos ou se valearam de mitos bem-conhecidos, superstições ou crenças tradicionais. O estudo objetivo e sistemático da sociedade e do comportamento humanos é um desenvolvimento relativamente recente, cujos primórdios datam de fins do século XVIII. Um desenvolvimento-chave foi o uso da ciência para compreender o mundo – a ascensão de uma abordagem científica ocasionou uma mudança radical na perspectiva e na sua compreensão. Uma após a outra, as explicações tradicionais e baseadas na religião foram suplantadas por tentativas de conhecimento racionais e críticas.

Como a física, a química, a biologia e outras disciplinas, a sociologia surgiu como parte desse importante processo intelectual. O cenário que dá origem à sociologia foi a série de mudanças radicais introduzidas pelas “duas grandes revoluções” da Europa dos séculos XVIII e XIX. Esses eventos transformadores mudaram irreversivelmente o modo de vida que os humanos haviam mantido por milhares de anos. A Revolução Francesa de 1789 marcou o triunfo das idéias e dos valores seculares, como liberdade e igualdade, sobre a ordem social tradicional. Foi o começo de uma poderosa e dinâmica força que desde então tem se espalhado ao redor do globo e se tornado um artigo básico do mundo moderno. A segunda grande revolução começou na Grã-Bretanha, no final do século XVIII, antes de surgir alhures na Europa, na América do Norte e mais além. Foi a **Revolução Industrial** – o amplo espectro de transformações sociais e econômicas que cercaram o desenvolvimento de inovações tecnológicas, como a energia e a máquina a vapor. O surgimento da indústria levou a uma enorme migração de camponeses da terra para as fábricas e para o trabalho industrial, causando uma rápida expansão de áreas urbanas e introduzindo novas formas de relações sociais. Isso mudou dramaticamente a face do mundo social, incluindo muitos de nossos hábitos pessoais. A maioria dos alimentos que comemos e

das bebidas que bebemos – como o café – é agora produzida por meios industriais.

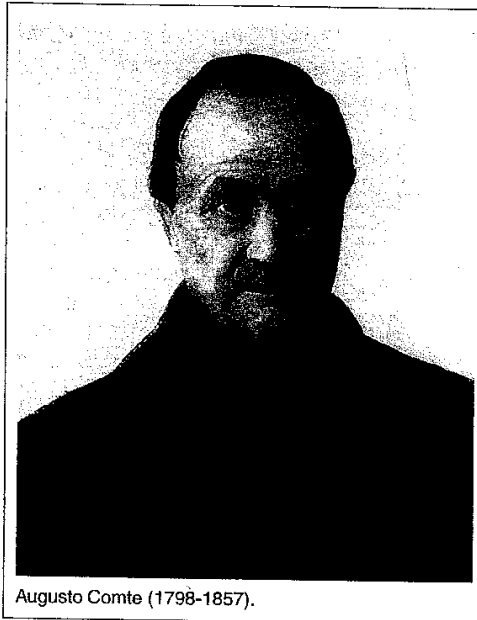
A ruptura com os modos de vida tradicionais desafiou os pensadores a desenvolverem uma nova compreensão tanto do mundo social, como do natural. Os pioneiros da sociologia foram apanhados pelos acontecimentos que cercaram essas revoluções e tentaram compreender sua emergência e consequências potenciais. Os tipos de questões que esses pensadores do século XIX buscavam responder – O que é a natureza humana? Por que a sociedade é estruturada da forma que é? Como e por que as sociedades mudam? – são as mesmas questões que os sociólogos tentam responder hoje em dia.

Augusto Comte

É claro que nenhum indivíduo sozinho pode descobrir um campo inteiro de estudo, e muitos contribuíram para o pensamento sociológico no seu início. No entanto, confere-se geralmente particular proeminência ao autor francês Augusto Comte (1798-1857), sobretudo porque ele realmente inventou a palavra “sociologia”. Comte originalmente usou o termo “física social”, mas alguns de seus rivais intelectuais da época também estavam utilizando esse termo. Comte queria distinguir suas próprias concepções das dos outros, então cunhou o termo “sociologia”, a fim de descrever o assunto que ele queria estabelecer.

O pensamento de Comte refletia os eventos turbulentos de seu tempo. A Revolução Francesa introduzira mudanças significativas na sociedade, e o crescimento da industrialização estava alterando a vida tradicional da população francesa. Comte buscou criar uma ciência da sociedade que pudesse explicar as leis do mundo social da mesma forma que a ciência natural explicava o funcionamento do mundo físico. Embora Comte reconhecesse que cada disciplina científica possui seu próprio assunto, ele acreditava que todas elas compartilham uma lógica comum e um método científico direcionado a revelar leis universais. Da mesma forma que a descoberta de leis no mundo natural nos permite controlar e prever acontecimentos ao nosso redor, desvendar as leis que governam a sociedade humana poderia nos ajudar a modelar nosso destino e a melhorar o bem-estar da humanidade. Comte afirmava que a sociedade se conforma com leis invariáveis da mesma maneira que o mundo físico.

A visão sociológica de Comte foi a da ciência *positiva*. Ele acreditava que a sociologia deveria aplicar os mesmos métodos científicos rigorosos ao estudo da sociedade que a física ou a química usam no estudo do mundo físico. O positivismo sustenta que a ciência deveria estar preocupada somente com entidades observáveis que são conhecidas diretamente pela experiência. Baseando-se em cuidadosas observações sensoriais, pode-se inferir as leis que explicam a relação entre os fenômenos observados. Ao entender a relação causal entre os eventos, os cientistas podem então prever como os acontecimentos futuros ocorrerão. Uma abordagem positivista da sociologia acredita na produção de conhecimento sobre a sociedade, baseada em evidências empíricas tiradas a partir da observação, da comparação e da experimentação.



Augusto Comte (1798-1857).

A *lei dos três estágios*, de Comte, afirma que os esforços humanos para entender o mundo passaram através dos estágios teológico, metafísico e positivo. No estágio teológico, os pensamentos eram guiados por idéias religiosas e pela crença de que a sociedade era uma expressão da vontade de Deus. No estágio metafísico, que se torna proeminente aproximadamente na época da Renascença, a sociedade começa a ser vista em termos naturais, e não sobrenaturais. O estágio positivo, introduzido pelas descobertas e conquistas de Copérnico, Galileu e Newton, encorajou a aplicação de técnicas científicas no mundo social. De acordo com essa concepção, Comte considerava a sociologia como a última ciência a se desenvolver – seguindo a física, a química e a biologia –, mas como a mais significativa e complexa de todas as ciências.

Na parte mais tardia de sua carreira, Comte elaborou planos ambiciosos para a reconstrução da sociedade francesa em particular, e para as sociedades humanas em geral, baseado no seu ponto de vista sociológico. Ele propôs o estabelecimento de uma “religião da humanidade”, que abandonaria a fé e o dogma em favor de um fundamento científico. A sociologia estaria no centro dessa nova religião. Comte estava profundamente consciente do estado da sociedade na qual vivia; ele estava preocupado com as desigualdades que iam sendo produzidas pela industrialização e com a ameaça que elas colocavam à coesão social. A solução a longo prazo, em sua opinião, era a produção de um consenso moral que ajudaria a regular, ou a manter unida, a sociedade, a despeito dos novos padrões de desigualdade. Ainda que a visão de Comte para a reconstrução da sociedade nunca tenha se realizado, sua contribuição para sistematizar e unificar a ciência da sociedade foi importante para a profissionalização posterior da sociologia como uma disciplina acadêmica.

Émile Durkheim

Os escritos de outro autor francês, Émile Durkheim (1858-1917), tiveram um impacto mais duradouro na sociologia moderna do que os de Comte. Ainda que ele se tenha valido de aspectos do trabalho de Comte, Durkheim pensava que muitas das idéias de seu predecessor eram demasiadamente especulativas e vagas e que Comte não tinha cumprido seu programa com sucesso – estabelecer a sociologia numa base científica. Durkheim via a sociologia como uma nova ciência que poderia ser usada para elucidar questões filosóficas tradicionais ao examiná-las de uma maneira empírica. Como Comte antes dele, Durkheim acreditava que precisamos estudar a vida social com a mesma objetividade com que os cientistas estudam o mundo natural. Seu famoso primeiro princípio da sociologia era “Estude fatos sociais como *coisas*!” Com isso, queria dizer que a vida social poderia ser analisada tão rigorosamente como os objetos ou os eventos na natureza.

Os escritos de Durkheim abarcaram um espectro amplo de tópicos. Três dos principais temas de que tratou foram a importância da sociologia como uma ciência empírica, a ascensão do indivíduo e a formação de uma nova ordem social, as fontes e o caráter da autoridade moral na sociedade. Encontraremos novamente as idéias de Durkheim em nossas discussões de religião, desvio comportamental e crime, trabalho e vida econômica.

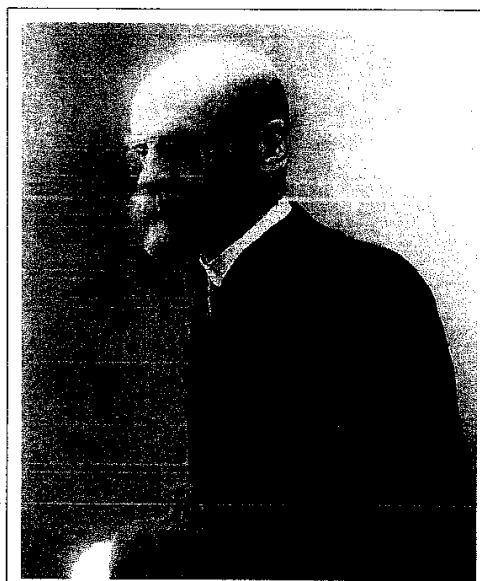
Para Durkheim, a principal preocupação intelectual da sociologia é o estudo de **fatos sociais**. Em vez de aplicar métodos sociológicos para o estudo de indivíduos, os sociólogos deveriam examinar os fatos sociais – os aspectos da vida social que modelam nossas ações como indivíduos, tais como o estado da economia ou a influência da religião. Durkheim acreditava que as sociedades têm uma realidade própria – ou seja, que a sociedade é mais do que simplesmente as ações e os interesses de seus membros individuais. De acordo com Durkheim, os fatos sociais são meios de agir, pensar ou sentir que são *externos* aos indivíduos e têm sua própria realidade fora das vidas e das percepções das pessoas individuais. Outro atributo dos fatos sociais é que eles exercem um *poder coercitivo* sobre os indivíduos. A natureza coercitiva dos fatos sociais, no entanto, não é frequentemente reconhecida pelas pessoas como coerciva. Isso acontece porque as pessoas geralmente condescendem aos fatos sociais, acreditando que estão agindo sem escolha. De fato, como afirma Durkheim, as pessoas com frequência simplesmente seguem padrões que são gerais à sua sociedade. Os fatos sociais podem forçar a ação humana numa diversidade de maneiras, indo da punição absoluta (no caso de um crime, por exemplo) à rejeição social (no caso de um comportamento inaceitável) e a simples incompreensão (no caso de uso inapropriado da língua).

Durkheim admitia que os fatos sociais são difíceis de se estudar. Por serem invisíveis e intangíveis, os fatos sociais não podem ser observados diretamente. Em vez disso, suas propriedades devem ser reveladas indiretamente ao se analisar os seus efeitos ou ao se considerar tentativas de dar-lhes expressão, como leis, textos religiosos ou normas escritas de conduta. Ao estudar os fatos sociais, Durkheim enfatizou a importância de se abandonar os preconceitos e a ideologia. Uma postura científica

requer uma mente que está aberta à evidência dos sentidos e livre de idéias preconcebidas que vêm de fora. Durkheim sustentava que os conceitos científicos poderiam ser gerados apenas através da prática científica. Ele desafiou os sociólogos a estudar as coisas como elas realmente são e a construir novos conceitos que refletem a natureza verdadeira das *coisas sociais*.

Como os outros fundadores da sociologia, Durkheim estava preocupado com as mudanças que transformavam a sociedade durante o período de sua vida. Ele estava particularmente interessado na solidariedade social e moral – em outras palavras, o que segura a sociedade unida e a mantém afastada de descer ao caos. A solidariedade é mantida quando os indivíduos são integrados com sucesso em grupos sociais e regulados por uma gama de valores e costumes compartilhados. Em seu primeiro trabalho importante, *A Divisão do Trabalho na Sociedade* (1893), Durkheim apresentou uma análise da mudança social, argumentando que o advento da era industrial significava o surgimento de um novo tipo de solidariedade. Ao construir esse argumento, Durkheim contrastou dois tipos de solidariedade – a *mecânica* e a *orgânica* – e as relacionou com a divisão do trabalho, com o crescimento de distinções entre diferentes ocupações.

De acordo com Durkheim, culturas tradicionais com uma baixa divisão do trabalho são caracterizadas pela solidariedade mecânica. Visto que a maioria dos membros da sociedade está envolvida em ocupações similares, eles estão ligados pela experiência comum e por crenças compartilhadas. O poder dessas crenças compartilhadas é repressivo – a comunidade rapidamente pune qualquer um que desafie os modos de vida convencionais. Dessa forma, há pouco espaço para divergência individual. A solidariedade mecânica, portanto, está fundada no con-



Émile Durkheim (1858–1917).

O estudo de Durkheim sobre o suicídio

Um dos estudos sociológicos clássicos para explorar a relação entre o indivíduo e a sociedade é a análise de Émile Durkheim sobre o suicídio (Durkheim 1952; originalmente publicado em 1897). Ainda que os humanos vejam a si mesmos como indivíduos que têm liberdade de arbítrio e de escolha, seus comportamentos são frequentemente padronizados e moldados socialmente. O estudo de Durkheim mostrou que mesmo um ato altamente pessoal como o suicídio é influenciado pelo mundo social.

Várias pesquisas tinham sido conduzidas a respeito do suicídio antes do estudo de Durkheim, mas ele foi o primeiro a insistir na explicação sociológica para o suicídio. Escritos anteriores tinham detectado a influência de fatores sociais sobre o suicídio, mas procuravam considerações como raça, clima ou desordem mental para explicar a predisposição de um indivíduo para cometer suicídio. Contudo, de acordo com Durkheim, o suicídio era um *fato social* que poderia unicamente ser explicado por outros fatores sociais. O suicídio era mais do que simplesmente o agregado de atos individuais – era um fenômeno que carregava propriedades padronizadas.

Ao examinar registros oficiais de suicídio na França, Durkheim descobriu que certas categorias de pessoas eram mais predispostas a cometer suicídio do que outras. Ele descobriu, por exemplo, que havia mais suicídios entre homens do que entre mulheres, entre protestantes em comparação a católicos, mais entre os ricos do que entre os pobres, e mais entre solteiros do que entre casados. Durkheim também notou que as taxas de suicídio tendiam a ser menores durante tempos de guerra e maiores durante tempos de mudança econômica ou instabilidade.

Essas descobertas levaram Durkheim a concluir que há fatores sociais externos ao indivíduo que afetam as taxas de suicídio. Ele relacionou sua explicação à idéia de solidariedade social e a dois tipos de laços dentro da sociedade – a integração social e a regulação social. Durkheim acreditava que as pessoas que estavam fortemente integradas em grupos sociais, e cujos desejos e aspirações eram regulados por normas sociais, eram menos predispostas a cometer suicídio. Ele identificou quatro tipos de suicídio, em concordância com a relativa presença ou ausência de integração e regulação:

Suicídios *egoísticos* são marcados pela baixa integração na sociedade e ocorrem quando um indivíduo está isolado ou quando seus laços com um grupo são enfraquecidos ou rompidos. Por exemplo, as baixas taxas de suicídio

entre católicos podem ser explicadas pela sua forte comunidade social, enquanto a liberdade pessoal e moral dos protestantes significa que eles “estão sozinhos” diante de Deus. O casamento protege contra o suicídio ao integrar o indivíduo a um relacionamento social estável, enquanto pessoas solteiras ficam mais isoladas na sociedade. A taxa menor de suicídio durante tempos de guerra, de acordo com Durkheim, pode ser vista como um sinal de aumento de integração social.

O suicídio *anômico* é causado por uma falta de regulação social. Com isso, Durkheim quis se referir às condições sociais de anomia, quando pessoas perdem a dimensão normativa devido à rápida mudança ou à instabilidade na sociedade. A perda de um ponto de referência fixo para normas e desejos – como em tempos de reviravoltas econômicas ou em disputas pessoais como o divórcio – pode abalar o equilíbrio entre as circunstâncias das pessoas e seus desejos.

O suicídio *altruístico* ocorre quando um indivíduo está “integrado demais” – os laços sociais são muito fortes – e valoriza a sociedade mais do que ele mesmo. Em tal caso, o suicídio se torna um sacrifício para o “bem maior”. Os pilotos japoneses kamikaze ou os “homens-bomba” islâmicos são exemplos de suicídios altruísticos. Durkheim via isso como uma característica de sociedades tradicionais onde a solidariedade mecânica prevalece.

O último tipo de suicídio é o suicídio *fatalista*. Embora Durkheim o visse como de pouca relevância contemporânea, ele acreditava que isso acontece quando um indivíduo é regulado demais pela sociedade. A opressão do indivíduo resulta em um sentimento de impotência diante do destino ou da sociedade.

As taxas de suicídio variam entre as sociedades, mas exibem padrões regulares dentro das sociedades através do tempo. Durkheim tomou isso como uma evidência de que há forças sociais consistentes que influenciam as taxas de suicídio. Um exame das taxas de suicídio revela como padrões sociais gerais podem ser detectados dentro de ações individuais.

Desde a publicação de *Suicídio*, muitas objeções têm sido levantadas ao estudo, particularmente quanto ao uso de estatísticas oficiais, quanto a sua dispensa de influências não-sociais no suicídio e quanto a sua insistência em classificar todos os tipos de suicídio conjuntamente. Mesmo assim, o estudo permanece um clássico e sua asserção fundamental continua: até mesmo o ato aparentemente pessoal do suicídio requer uma explicação sociológica.

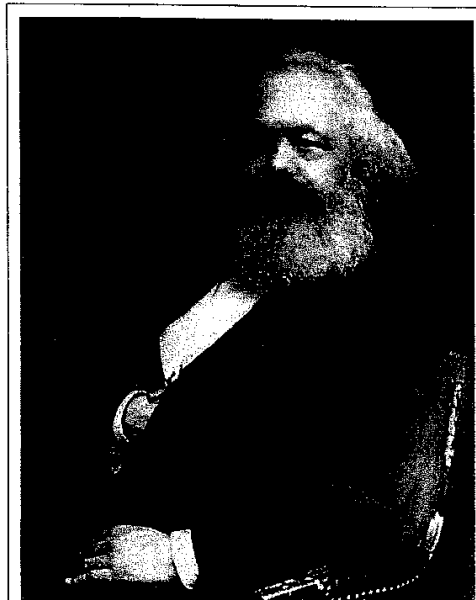
senso e na similaridade de crença. As forças de industrialização e de urbanização, contudo, levaram a uma divisão crescente do trabalho que contribuiu para o colapso dessa forma de solidariedade. A especialização de tarefas e a crescente diferenciação social em sociedades avançadas levariam a uma nova ordem, evidenciando uma solidariedade orgânica, afirmava Durkheim. As sociedades caracterizadas pela solidariedade orgânica são mantidas unidas pela interdependência econômica das pessoas e pelo reconhecimento da importância das contribuições dos outros. Como a divisão do trabalho se expande, as pessoas se tornam mais e mais dependentes umas das outras, porque cada pessoa precisa de bens e de serviços supridos por pessoas em outras ocupações. Relações de reciprocidade econômica e de dependência mútua vêm para substituir crenças comuns ao criarem consenso social.

Mesmo assim, os processos de mudança no mundo moderno são tão rápidos e intensos que originam dificuldades sociais maiores. Eles podem ter efeitos aniquiladores em estilos de vida tradicionais, em crenças morais, religiosas, e em padrões cotidianos sem fornecer novos valores claros. Durkheim ligava essas condições inquietantes à **anomia**, um sentimento de falta de objetivos ou de desespero, provocado pela vida social moderna. Os controles e os padrões morais tradicionais, que costumavam ser fornecidos pela religião, são largamente derrubados pelo desenvolvimento social moderno, e isso deixa muitos indivíduos em sociedades modernas sentindo que suas vidas cotidianas carecem de significado.

Um dos estudos mais famosos de Durkheim (ver quadro na página anterior) ocupava-se da análise do suicídio. O suicídio parece ser um ato puramente pessoal, o resultado da infelicidade pessoal extrema. Durkheim mostrou, contudo, que fatores sociais exercem uma influência fundamental no comportamento suicida – sendo que a anomia é uma dessas influências. As taxas de suicídio mostram padrões regulares ano a ano e esses padrões precisam ser explicados sociologicamente.

Karl Marx

As idéias de Karl Marx (1818-1883) contrastam radicalmente com as de Comte e de Durkheim, mas, como esses últimos, ele buscava explicar as mudanças que estavam tendo lugar na sociedade durante a época da Revolução Industrial. Quando jovem, as atividades políticas de Marx o levaram a entrar em conflito com as autoridades alemãs; depois de breve estada na França, ele se estabeleceu permanentemente no exílio na Grã-Bretanha. Marx testemunhou o crescimento das fábricas e da produção industrial, como também das desigualdades que disso resultaram. Seu interesse no movimento trabalhista europeu e nas idéias socialistas se refletiu em seus escritos, que cobriram uma diversidade de tópicos. A maior parte do seu trabalho se concentrou em temas econômicos, mas, como estava sempre preocupado em conectar problemas econômicos a instituições sociais, seu trabalho foi, e é, rico em percepções sociológicas. Até mesmo seus mais severos críticos conside-



Karl Marx (1818-1883).

ram seu trabalho importante para o desenvolvimento da sociologia.

Capitalismo e luta de classes

Ainda que tenha escrito sobre várias fases da história, Marx concentrou-se primeiramente na mudança em tempos modernos. Para ele, as mudanças mais importantes estavam estreitamente ligadas ao desenvolvimento do **capitalismo**. O capitalismo é um sistema de produção que contrasta radicalmente com os sistemas econômicos anteriores da história, já que envolve a produção de mercadorias e de serviços vendidos a uma ampla faixa de consumidores. Marx identificava dois elementos principais dentro das empresas capitalistas. O primeiro é o *capital* – qualquer bem, incluindo dinheiro, máquinas ou mesmo fábricas, que possa ser usado ou investido para produzir bens futuros. A acumulação de capital anda de mãos dadas com o segundo elemento, a *mão-de-obra assalariada*. A mão-de-obra assalariada se refere ao conjunto de trabalhadores que não possuem os meios de sua sobrevivência, mas precisam encontrar emprego fornecido pelos detentores do capital. Marx acreditava que aqueles que detêm o capital, os *capitalistas*, formam uma classe dominante, enquanto a massa da população constitui uma classe de trabalhadores assalariados, ou uma classe operária. Como a industrialização se espalhava, um grande número de camponeses que antes se sustentava trabalhando a terra mudou-se para as cidades que cresciam e ajudou a formar uma classe operária industrial urbana. Essa classe operária é também referida como o *proletariado*.

De acordo com Marx, o capitalismo é inerentemente um sistema de classe no qual as relações de classe são caracterizadas pelo conflito. Ainda que os detentores do capital e os trabalhadores sejam dependentes um do outro – os capitalistas precisam de mão-de-obra e os trabalhadores precisam de salários –, a dependência é altamente desequilibrada. A relação entre classes é de exploração, uma vez que os trabalhadores têm pouco ou nenhum controle sobre o seu trabalho, e os empregadores são capazes de gerar lucro ao se apropriar do produto do trabalho dos operários. Marx acreditava que o conflito de classes em função dos recursos econômicos tornar-se-ia mais agudo com o passar do tempo.

Mudança social: a concepção materialista da história

O ponto de vista de Marx estava fundado no que ele chamava de *concepção materialista da história*. De acordo com essa concepção, não são as idéias ou os valores que os seres humanos guardam que são as principais fontes da mudança social. Em vez disso, a mudança social é estimulada primeiramente por influências econômicas. Os conflitos de classes proporcionam a motivação para o desenvolvimento histórico – eles são o “motor da história”. Nas palavras de Marx: “Toda a história humana até aqui é a história das lutas de classe”. Ainda que Marx concentrasse grande parte de sua atenção no capitalismo e na sociedade moderna, ele também examinou como as sociedades haviam se desenvolvido ao longo do curso da história. De acordo com Marx, os sistemas sociais fazem a transição de um modo de produção a outro – algumas vezes gradualmente e algumas vezes através da revolução – como resultado de contradições em suas economias. Ele destacou a progressão de estágios históricos, que começou com primitivas sociedades comunais de caçadores e coletores e passou através de antigos sistemas escravistas e sistemas feudais baseados na divisão entre proprietários de terra e servos. O aparecimento de mercadores e artesãos marcou o início de uma classe comercial ou capitalista que veio para substituir a nobreza proprietária de terras. Em concordância com essa concepção de história, Marx argumentou que, da mesma forma que os capitalistas tinham se unido para depor a ordem feudal, os capitalistas também seriam suplantados e uma nova ordem seria instalada.

Marx acreditava na inevitabilidade de uma revolução dos trabalhadores, que poderia derrubar o sistema capitalista e introduzir uma nova sociedade na qual não haveria classes – nem divisões em larga escala entre ricos e pobres. Ele não queria dizer que todas as desigualdades entre os indivíduos desapareceriam. Ao contrário, a sociedade não seria mais dividida entre uma pequena classe que monopoliza o poder econômico e político e uma grande massa de pessoas que pouco se beneficia com a riqueza que seu trabalho cria. O sistema econômico se encontraria sob a propriedade comunal e uma sociedade mais humana do que esta que conhecemos no presente seria estabelecida. Marx acreditava que, na sociedade do futuro, a produção seria mais avançada e eficiente do que a produção sob o capitalismo.

O trabalho de Marx teve um efeito de longo alcance no mundo do século XX. Até recentemente, mais de um terço da população mundial vivia em sociedades como as da União Soviética e as dos países da Europa Oriental, cujos governos afirmavam tirar sua inspiração das idéias de Marx.

Max Weber

Como Marx, Max Weber (1864-1920) não pode simplesmente ser rotulado como sociólogo; seus interesses e preocupações se estenderam através de muitas áreas. Nascido na Alemanha, onde passou a maior parte de sua carreira acadêmica, Weber era um indivíduo de amplo conhecimento. Seus escritos cobriram os campos da economia, do direito, da filosofia e da história comparativa, como também da sociologia. Muito do seu trabalho também estava relacionado com o desenvolvimento do capitalismo moderno e com os modos nos quais a sociedade moderna era diferente das primeiras formas de organização social. Através de uma série de estudos empíricos, Weber apontou algumas das características básicas das sociedades industriais modernas e identificou debates-chave, do ponto de vista sociológico, que permanecem centrais para os sociólogos até hoje.

Em comum com outros pensadores de seu tempo, Weber procurava entender a natureza e as causas da mudança social. Ele foi influenciado por Marx, mas também era extremamente crítico com algumas das principais concepções de Marx. Weber rejeitou a concepção materialista da história e viu o conflito de classes como menos relevante do que para Marx. Na con-



Max Weber (1864-1920).

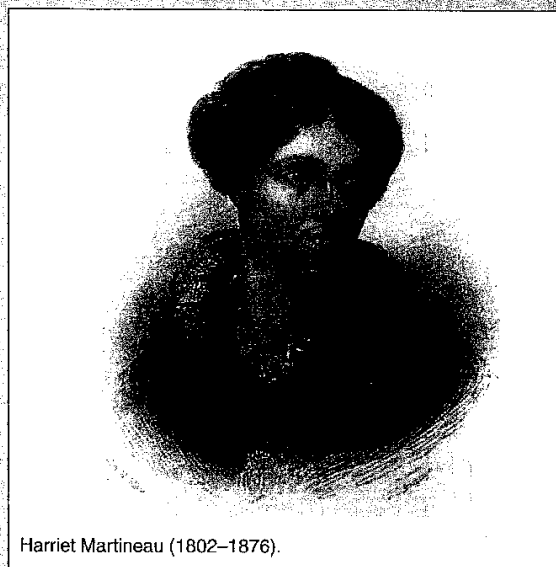
Uma fundadora negligenciada

Embora Comte, Durkheim, Marx e Weber sejam, sem dúvida, figuras fundadoras na sociologia, havia outros pensadores importantes do mesmo período cujas contribuições devem também ser levadas em conta. A sociologia, como muitas áreas acadêmicas, não correspondeu sempre à expectativa de reconhecer a importância de cada pensador cujo trabalho tenha mérito intrínseco. Poucas mulheres ou membros de minorias raciais tiveram a oportunidade de se tornar sociólogos profissionais durante o período "clássico" de fins do século XIX e início do século XX. Além disso, os poucos que tiveram a oportunidade de fazer pesquisa sociológica de importância duradoura têm sido frequentemente negligenciados. Pessoas como Harriet Martineau merecem a atenção dos sociólogos hoje em dia.

Harriet Martineau

Harriet Martineau (1802-1876) tem sido chamada a "primeira socióloga mulher", mas, como Marx e Weber, não pode ser tomada simplesmente como uma socióloga. Ela nasceu e foi educada na Inglaterra e foi a autora de mais de 50 livros, como também de numerosos ensaios. Martineau agora recebe o crédito de ter introduzido a sociologia na Grã-Bretanha através de sua tradução do tratado fundador da disciplina, *Filosofia Positiva*, de Comte (Rossi, 1973). Além disso, Martineau realizou um estudo sistemático original da sociedade norte-americana durante suas extensas viagens através dos Estados Unidos nos anos de 1830, que é o tema de seu livro *Sociedade na América*. Martineau é relevante para os sociólogos hoje por diversas razões. Primeiramente, ela afirmou que, quando se estuda a sociedade, se deve concentrar em todos os seus aspectos, incluindo instituições-chave políticas, religiosas e sociais. Em segundo lugar, ela insistiu em que uma análise da sociedade deve incluir um entendimento

da vida das mulheres. Em terceiro lugar, ela foi a primeira a dirigir um olhar social a questões anteriormente ignoradas, incluindo o casamento, as crianças, a vida doméstica e religiosa, e relações de raça. Como escreveu certa vez, "O berço, o *boudoir* e a cozinha são todas excelentes escolas para aprender a moral e as maneiras das pessoas" (Martineau, 1962, p.53). Finalmente, ela afirmou que os sociólogos deveriam fazer mais do que apenas observar, eles deveriam também atuar de forma a beneficiar a sociedade. Como resultado, Martineau foi uma proponente ativa tanto dos direitos das mulheres como da emancipação dos escravos.



Harriet Martineau (1802-1876).

cepção de Weber, os fatores econômicos são importantes, mas as idéias e os valores têm exatamente o mesmo impacto na mudança social. Ao contrário de outros pensadores sociológicos anteriores, Weber acreditava que a sociologia deveria se concentrar na *ação social* e não nas estruturas. Ele sustentava que as motivações e idéias humanas eram as forças por detrás da mudança – idéias, valores e crenças tinham o poder de ocasionar transformações. De acordo com Weber, os indivíduos têm a habilidade de agir livremente e de moldar o futuro. Ele não acreditava, como Durkheim e Marx, que as estruturas existiam externa ou independentemente dos indivíduos. Ao contrário, as estruturas na sociedade eram formadas por uma complexa interação de ações. Era o trabalho da sociologia compreender os significados por trás daquelas ações.

Alguns dos escritos mais influentes de Weber refletiram essa preocupação com a ação social ao analisar a distinção da sociedade ocidental quando comparada com outras grandes civilizações. Ele estudou as religiões da China, da Índia e do Oriente Próximo e, no decorrer dessas pesquisas, fez grandes contribuições à sociologia da religião. Comparando os principais sistemas religiosos na China e na Índia com aqueles do Ocidente, Weber concluiu que certos aspectos das crenças cristãs influenciaram fortemente o surgimento do capitalismo. Essa perspectiva não surgiu, como Marx supunha, somente de mudanças econômicas. Na concepção de Weber, idéias e valores culturais ajudam a modelar a sociedade e modelam nossas ações individuais.

Um elemento importante na perspectiva sociológica de Weber era a idéia de **tipo ideal**. Tipos ideais são modelos con-

ceituais ou analíticos que podem ser usados para compreender o mundo. No mundo real, os tipos ideais raramente ou nem sequer existem – frequentemente, apenas alguns de seus atributos estarão presentes. Contudo, essas construções hipotéticas podem ser muito úteis, já que qualquer situação no mundo real pode ser compreendida ao compará-la a um tipo ideal. Dessa forma, tipos ideais servem como um ponto fixo de referência. É importante apontar que, por tipo “ideal”, Weber não queria dizer que tal concepção fosse um objetivo perfeito ou desejável. Ao contrário, com isso significa uma forma “pura” de um certo fenômeno. Weber utilizava tipos ideais em seus escritos sobre formas de burocracia e sobre o mercado.

Racionalização

Na concepção de Weber, o surgimento da sociedade moderna foi acompanhado por mudanças importantes em modelos de ação social. Ele acreditava que as pessoas estavam se afastando das crenças tradicionais fundadas em superstição, na religião, no costume e em hábitos ancestrais. Ao contrário, os indivíduos estavam cada vez mais se pautando em avaliações racionais, instrumentais, que levavam em consideração a eficiência e as consequências futuras. Na sociedade industrial, havia pouco espaço para sentimentos e para fazer coisas pela simples razão de terem sido reinteradas por gerações. O desenvolvimento da ciência, da tecnologia moderna e da burocracia foi descrito por Weber coletivamente como racionalização – a organização da vida econômica e social de acordo com os princípios de eficiência e na base do conhecimento técnico. Se em sociedades tradicionais, a religião e os costumes muito antigos definiam amplamente as atitudes e os valores das pessoas, a sociedade moderna foi marcada pela racionalização de mais e mais áreas da vida, desde a política até a religião e a atividade econômica.

Na concepção de Weber, a Revolução Industrial e a ascensão do capitalismo foram prova de uma forte tendência em direção à racionalização. O capitalismo não é dominado pelo conflito de classe, como acreditava Marx, mas pela ascensão da ciência e da burocracia – organizações de larga escala. Weber via o caráter científico do Ocidente como um de seus traços mais distintivos. A burocracia, o único modo de organizar um grande número de pessoas efetivamente, expande-se com o crescimento econômico e político. Weber usou o termo *desencantamento* para descrever a maneira pela qual o pensamento científico no mundo moderno havia varrido as forças da sentimentalidade do passado.

No entanto, Weber não estava inteiramente otimista quanto à consequência da racionalização. Ele temia a sociedade moderna como um sistema que esmagaria o espírito humano ao tentar regular todas as esferas da vida social. Weber estava particularmente preocupado pelos efeitos potencialmente sufocantes e desumanizantes da burocracia e suas implicações no destino da democracia. A agenda do Iluminismo do século XVIII, de progresso crescente, de riqueza e de felicidade por meio da rejeição do costume e da superstição em favor da ciência e da tecnologia, produz, por si só, perigos.

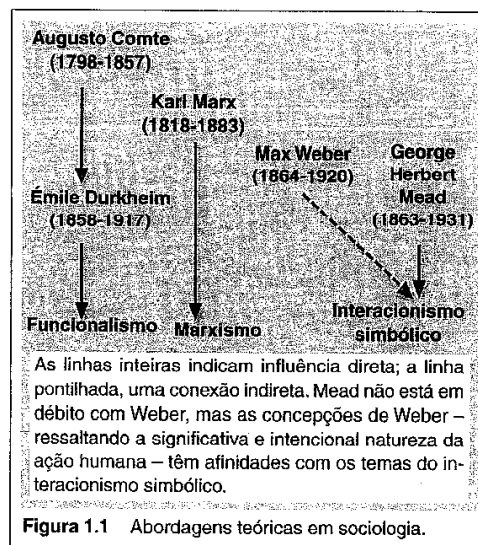
Perspectivas sociológicas mais recentes

Os primeiros sociólogos tinham o desejo comum de dar sentido às sociedades em mudança nas quais viviam. Contudo, eles queriam fazer mais do que simplesmente descrever e interpretar os eventos decisivos de seu tempo. Mais do que isso, buscavam desenvolver modos de estudar o mundo social que pudessem explicar o funcionamento das sociedades em geral e a natureza da mudança social. Mas como vimos, Durkheim, Marx e Weber empregaram abordagens muito diferentes em seus estudos do mundo social. Por exemplo, onde Durkheim e Marx se concentraram no poder de forças externas ao indivíduo, Weber tomou como seu ponto de partida a habilidade dos indivíduos em agir criativamente sobre o mundo exterior. No aspecto em que Marx assinalou a predominância das questões econômicas, Weber considerou uma gama muito mais ampla de fatores como relevante. Tais diferenças de abordagem persistiram através da história da sociologia. Mesmo quando os sociólogos concordam com o tema de análise, eles frequentemente tomam essa análise a partir de diferentes perspectivas teóricas.

Três das mais importantes e recentes perspectivas teóricas, o *funcionalismo*, a *abordagem de conflito* e o *interacionismo simbólico*, têm conexões diretas com Durkheim, Marx e Weber, respectivamente (ver a Figura 1.1, a seguir). Você encontrará, do começo ao fim deste livro, argumentos e idéias que se aproximam e ilustram essas abordagens teóricas.

Funcionalismo

O **funcionalismo** sustenta que a sociedade é um sistema complexo cujas diversas partes trabalham conjuntamente para produzir estabilidade e solidariedade. De acordo com essa abordagem, a disciplina de sociologia deveria investigar a relação das



partes da sociedade umas com as outras e com a sociedade como um todo. Podemos analisar as crenças e os costumes religiosos de uma sociedade, por exemplo, mostrando como eles se relacionam com outras instituições dentro da sociedade, pois as diferentes partes de uma sociedade se desenvolvem em relação íntima umas com as outras.

Estudar a função de uma prática ou instituição social é analisar a contribuição que essa prática ou instituição dá para a continuação da sociedade. Com frequência, os funcionalistas, incluindo Comte e Durkheim, usaram uma *analogia orgânica* para comparar a operação da sociedade com aquela de um organismo vivo. Eles assinalam que as partes da sociedade trabalham juntas, da mesma forma que as várias partes do corpo humano, para o benefício da sociedade como um todo. Para estudar um órgão corporal como o coração, precisamos mostrar como ele se relaciona com outras partes do corpo. Ao bombear sangue através do corpo, o coração desempenha um papel vital na continuação da vida do organismo. De forma semelhante, analisar a função de um item social significa mostrar a parte que ele representa na existência continuada e na saúde de uma sociedade.

O funcionalismo enfatiza a importância do *consenso moral* para se manter a ordem e a estabilidade na sociedade. O consenso moral existe quando a maioria das pessoas na sociedade compartilha os mesmos valores. Os funcionalistas vêem a ordem e o equilíbrio como o estado normal da sociedade – esse equilíbrio social é baseado na existência de um consenso moral entre os membros da sociedade. Por exemplo, Durkheim acreditava que a religião reafirma a adesão das pessoas a valores sociais essenciais, responsável pela manutenção da coesão social.

Por muito tempo, o pensamento funcionalista foi possivelmente a tradição teórica dominante na sociologia, principalmente nos Estados Unidos. Talcott Parsons e Robert Merton, ambos se baseando extensivamente em Durkheim, foram dois de seus mais proeminentes adeptos. Nos últimos anos, a popularidade do funcionalismo começou a diminuir, à medida que suas limitações começaram a se tornar aparentes. Uma crítica comum ao funcionalismo é a de que ele enfatiza desnecessariamente fatores que conduzem à coesão social, às custas daqueles que produzem divisão e conflito. O enfoque na estabilidade e na ordem significa que divisões ou desigualdades na sociedade – baseadas em fatores como classe, raça e gênero – estão minimizadas. Há igualmente menor ênfase no papel da ação criativa social dentro da sociedade. Tem parecido a muitos críticos que a análise funcional atribui às sociedades qualidades sociais que elas não possuem. Os funcionalistas frequentemente escreveram como se as sociedades tivessem “necessidades” e “propósitos”, ainda que esses conceitos fizessem sentido somente quando aplicados a seres humanos individuais.

Perspectivas de conflito

Como os funcionalistas, os sociólogos que empregam **teorias de conflito** enfatizam a importância de estruturas dentro da sociedade. Eles também antecipam um “modelo” abrangente para explicar como a sociedade funciona. No entanto, os teóricos

de conflito rejeitam a ênfase funcionalista no consenso. Em vez disso, destacam a importância das divisões na sociedade. Ao fazê-lo, concentram-se em questões de poder, desigualdade e luta. Eles tendem a ver a sociedade como sendo composta de grupos distintos que perseguem seus próprios interesses. A existência de interesses separados significa que o potencial para conflito está sempre presente e que certos grupos se beneficiarão mais do que outros. Os teóricos de conflito examinam as tensões entre grupos dominantes e desfavorecidos dentro da sociedade e buscam compreender como as relações de controle são estabelecidas e perpetuadas.

Muitos teóricos de conflito remontam suas concepções aos escritos de Marx, cuja obra enfatizou o conflito de classe, mas alguns também foram influenciados por Weber. Um bom exemplo é o sociólogo contemporâneo alemão Ralf Dahrendorf (1929–). Em sua obra agora clássica, *Classe e Conflito de Classe na Sociedade Industrial* (1959), Dahrendorf argumenta que os pensadores funcionalistas consideraram somente um lado da sociedade – aqueles aspectos da vida social em que há harmonia e concordância. Tão importante quanto isso, ou ainda mais, são as áreas marcadas pelo conflito e divisão. O conflito, afirma Dahrendorf, surge principalmente dos interesses diferentes que os indivíduos e os grupos têm. Marx via as diferenças de interesse principalmente em termos de classes, mas Dahrendorf os relaciona mais amplamente à autoridade e ao poder. Em todas as sociedades há uma divisão entre aqueles que mantêm a autoridade e aqueles que são largamente excluídos dela, entre os que fazem regras e os que obedecem a elas.

Perspectivas de ação social

Se as perspectivas funcionalista e de conflito enfatizam as estruturas que servem de apoio à sociedade e influenciam o comportamento humano, as teorias de ação social dão maior atenção à ação e à interação dos membros da sociedade ao formar aquelas estruturas. Considera-se aqui que o papel da sociologia é abarcar o significado da ação social e da interação mais do que explicar quais forças externas às pessoas induzem-nas a agir da forma que agem. Se o funcionalismo e as perspectivas de conflito promovem modelos de como a sociedade como um todo opera, as teorias de ação social se concentram na análise de como os agentes individuais se comportam ou se orientam com respeito a cada um e à sociedade.

Weber é frequentemente apontado como o mais antigo defensor das perspectivas de ação social. Ainda que reconhecesse a existência das estruturas sociais – como classes, partidos, grupos de *status* e outros –, ele sustentava que essas estruturas foram criadas através de ações sociais de indivíduos. Esse ponto de vista foi mais sistematicamente desenvolvido dentro do *interacionismo simbólico*, uma escola de pensamento que se tornou particularmente proeminente nos Estados Unidos. O interacionismo simbólico foi apenas indiretamente influenciado por Weber. Suas origens mais diretas estavam no trabalho do filósofo norte-americano G.H. Mead (1863-1931).

Interacionismo simbólico

O **interacionismo simbólico** surge de uma preocupação com a linguagem e com o significado. Mead sustenta que a linguagem permite que nos tornemos seres autoconscientes – cōscios de nossa própria individualidade e capazes de nos vermos a partir de fora, como os outros nos vêem. O elemento-chave nesse processo é o **símbolo**. Um símbolo é algo que representa outra coisa. Por exemplo, as palavras que usamos para nos referirmos a certos objetos são de fato símbolos que representam o que queremos dizer. A palavra “colher” é o símbolo que usamos para descrever o utensílio que usamos para tomar sopa. Gestos ou formas de comunicação não-verbais são também símbolos. Acenar para alguém ou fazer um gesto rude tem valor simbólico. Mead argumentava que os humanos dependem de símbolos e de conhecimentos compartilhados em suas interações uns com os outros. Visto que os seres humanos vivem num universo ricamente simbólico, virtualmente todas as interações entre indivíduos humanos envolvem uma troca de símbolos.

O interacionismo simbólico dirige nossa atenção ao detalhe da interação interpessoal e a como esse detalhe é usado para dar sentido ao que os outros dizem e fazem. Os sociólogos influenciados pelo interacionismo simbólico freqüentemente se concentram na interação face a face nos contextos da vida cotidiana. Eles destacam o papel de tal interação em criar a sociedade e suas instituições.

Embora a perspectiva do interacionismo simbólico possa contribuir para a percepção profunda da natureza de nossas ações no decorrer da vida social cotidiana, ele tem sido criticado por ignorar as questões maiores do poder e da estrutura dentro da sociedade e como eles servem para restringir a ação individual.

Pontos Principais

1. A sociologia pode ser identificada como o estudo sistemático das sociedades humanas, dando ênfase especial a sistemas modernos e industrializados.
2. A prática da sociologia envolve a habilidade de pensar imaginativamente e afastar-se de idéias preconcebidas sobre a vida social.
3. A sociologia é uma disciplina com importantes implicações práticas. Ela pode contribuir para a crítica social e para a reforma social prática de várias formas. Para começar, a compreensão aperfeiçoada de um dado cenário de circunstâncias sociais freqüentemente nos dá uma melhor chance de controlá-las. Ao mesmo tempo, a sociologia nos fornece os meios de aumentar nossas sensibilidades culturais, permitindo que as políticas se baseiem em uma consciência de valores culturais divergentes. Em termos práticos, podemos investigar as consequências da adoção de programas políticos particulares. Finalmente, e talvez mais importante, a sociologia fornece auto-esclarecimento, oferecendo aos grupos e aos indivíduos uma oportunidade aperfeiçoada de alterar as condições de suas próprias vidas.
4. A sociologia surgiu como uma tentativa de entender as mudanças abrangentes que ocorreram nas sociedades humanas no decorrer dos dois ou três últimos séculos. As mu-

Conclusão

A sociologia, como vimos, abrange uma variedade de concepções teóricas. Algumas vezes, o desacordo entre as posições teóricas é bastante radical. Mas essa diversidade é muito mais um sinal da força e da vitalidade do assunto do que de sua fraqueza.

Todos os sociólogos concordam que a sociologia é uma disciplina na qual deixamos de lado nossa visão pessoal do mundo para olhar mais cuidadosamente para as influências que modelam nossas vidas e as dos outros. A sociologia surgiu como um empreendimento intelectual distinto com o desenvolvimento das sociedades modernas, e o estudo de tais sociedades permanece sua preocupação principal. Mas os sociólogos também estão preocupados com uma gama ampla de questões sobre a natureza da interação social e das sociedades humanas em geral.

A sociologia não é apenas um campo intelectual abstrato, mas tem implicações práticas mais importantes para a vida das pessoas. Aprender a tornar-se um sociólogo não deveria ser um esforço acadêmico enfadonho! A melhor forma de se ter certeza de que se evitou isso é abordar o assunto de um modo imaginativo e relacionar idéias e achados sociológicos a situações em sua própria vida.

Uma forma de fazer isso é estar consciente das diferenças entre modos de vida que nós, nas sociedades modernas, tomamos por normais e aqueles de outros grupos humanos. Ainda que os seres humanos tenham muito em comum, há muitas variações entre diferentes sociedades e culturas. Investigamos essas semelhanças e diferenças no próximo capítulo, “Cultura e Sociedade”.

danças envolvidas não são apenas as de larga escala; elas também envolvem mudanças nas mais íntimas e pessoais características das vidas das pessoas.

5. Entre os clássicos fundadores da sociologia, quatro figuras são particularmente importantes: Augusto Comte, Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Comte e Marx, trabalhando em meados do século XIX, estabeleceram alguns dos temas principais da sociologia, mais tarde detalhados por Durkheim e Weber. Esses temas dizem respeito à natureza da sociologia e ao impacto das mudanças trazidas pela modernização no mundo social.
6. Uma diversidade de abordagens teóricas é encontrada na sociologia. Disputas teóricas são difíceis de resolver mesmo nas ciências naturais, e na sociologia enfrentamos dificuldades especiais por causa de problemas complexos ligados ao fato de submetermos nosso próprio comportamento ao estudo.
7. As principais abordagens teóricas na sociologia são o funcionalismo, as perspectivas de conflito e o interacionismo simbólico. Há algumas diferenças básicas entre cada uma delas, diferenças que têm influenciado fortemente o desenvolvimento da disciplina no decorrer do período pós-guerra.